

Torcer pelo Brasil

Líderes transcendem as crises, herdadas ou não, e conduzem seus países à fronteira do possível

Cândido Bracher

Folha de S. Paulo, 15.jan.2023

• • Por duas vezes, nas últimas semanas, notícias provenientes do Brasil fizeram as manchetes dos principais jornais do mundo. Na segunda-feira (9), as primeiras páginas trouxeram [imagens da multidão em camisas amarelas tomando de assalto o Congresso Nacional](#). As legendas davam conta da [destruição promovida nas sedes dos Três Poderes da República](#) pelos grupos que, inexplicavelmente, praticamente não encontraram resistência policial.

Esta **Folha**, em primoroso editorial intitulado "[Punhado de idiotas](#)", vaticinou que em pouco tempo o episódio será lembrado apenas como um "parágrafo vexatório da história". De fato, o sentimento que me acomete ao imaginar os leitores de todo o mundo contemplando essa patética [versão tropical dos acontecimentos de há dois anos no Capitólio](#) é de vergonha e constrangimento. Que ao menos o episódio sirva para estimular a imensa maioria dos cidadãos corretos que votaram em Bolsonaro a se distanciar definitivamente desse grupo de delinquentes inconformados e a praticar oposição de forma construtiva.

Em contraste, a fotografia da banca de jornais inglesa, onde todas as dez publicações do mostruário traziam a imagem de [Pelé](#) na primeira página, despertou orgulho, nostalgia e uma profunda gratidão por ter sido agraciado com a possibilidade de ver suas jogadas e vibrar com seu talento e carisma. Para um santista, como eu, que acompanhou o ídolo desde 1968 até o fim de sua carreira, esses sentimentos são muito amplificados.

A comoção refletida nos noticiários de televisão, nas colunas de jornal, nos depoimentos colhidos das pessoas nas ruas deixou claro que não cabe perguntarmos por quem os sinos doam; todos sabemos que eles doam por nós.

O jornal francês L'Equipe refletiu em sua capa, com dolorosa precisão, a sensação que eu ainda não tinha sido capaz de nomear: "La fin d'un monde". Pois é, o fim de um mundo que foi o meu. Um mundo de vibração, entusiasmo e otimismo, enriquecidos pela energia da juventude, que—mais claramente nos últimos dez anos— vem sendo invadido pela estagnação econômica, pela polarização política, pela destruição do ambiente e por ameaças à democracia. É preciso reagir.

Busco alento através da leitura do mais recente livro de Henry Kissinger, "Liderança: Seis Estudos em Estratégia Global", ainda não publicado no Brasil. Nele, o autor de 99 anos descreve o percurso político de seis líderes mundiais admiráveis, com quem teve intenso relacionamento.

Eles são Konrad Adenauer, arquiteto da reconstrução alemã após a Segunda Guerra; De Gaulle, líder da "France Libre" no mesmo conflito, que retornou ao poder em 1958 para lidar com a complexa questão da independência da Argélia; Anwar Sadat, líder Egípcio que assumiu o poder em um país desmoralizado pela derrota na guerra contra Israel e atuou para transformar as relações com o inimigo histórico; Lee Kuan Yew, o "inventor" de Singapura, que transformou uma ilha desimportante no Sudeste Asiático em uma das nações mais prósperas do mundo; Margaret Thatcher, primeira mulher a ocupar o posto de primeiro-ministro do Reino Unido, que conseguiu reverter a tendência declinante do país, que já durava décadas.

O sexto personagem é talvez o único que não mereça um lugar em um grupo tão destacado de estadistas; Richard Nixon deve sua presença no livro ao fato de ter convidado o jovem acadêmico Henry Kissinger para o posto de secretário de Estado, em 1973.

O livro é muito instrutivo, na medida em que descreve com objetividade a trajetória individual de cada líder e suas circunstâncias. Mais do que isso, a descrição que o autor faz do seu convívio próximo com os biografados confere humanidade aos personagens e estimula a empatia, ao permitir uma melhor visão dos seus desafios e sua motivação pessoal.

O sopro de esperança que busquei na leitura do livro materializou-se com a constatação de que todos os líderes "transcenderam as circunstâncias herdadas e assim conduziram seus países à fronteira do possível". A eles Kissinger atribui as qualidades do homem insensato de George Bernard Shaw: "O homem sensato adapta-se ao mundo. O homem insensato insiste em adaptar o mundo a si. Sendo assim, todo progresso depende dos homens insensatos".

O que é verdadeiro para esses líderes em relação à política não o é menos para Pelé, em relação ao futebol. Para satisfazer a nostalgia e enorme admiração pelo ídolo, assisti ao [filme "Pelé", de David Tryhorn](#). Ao reviver seus gols fabulosos e mesmo suas jogadas que não resultaram em gols, como o chute do meio de campo contra a Tchecoslováquia, ou o drible no goleiro uruguaio Mazurkiewicz —ambos os lances na Copa de 1970—, lembrei-me de uma frase com sentido semelhante à de Shaw: "Não sabendo que era impossível, foi lá e fez".



No francês L'Équipe, a morte de Pelé - Reprodução

No mesmo filme sobre Pelé, o jornalista José Trajano relata que foi à Copa de 1970 disposto a torcer contra o Brasil. Afinal, estávamos em pleno governo Médici, o mais truculento do período de ditadura militar. Vivíamos no Brasil ufanista do "ame-o, ou deixe-o" e do "ninguém segura este país", e a vitória na Copa fatalmente aumentaria o prestígio do famigerado regime. Quando a seleção entrou em campo, porém, ele percebeu que "uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa" e que era impossível torcer contra o Brasil.

Uma nova seleção entrou em campo no dia 1º de janeiro. Podemos não concordar com o acerto na convocação dos jogadores, ou com a tática da equipe. Devemos mesmo manifestar nossas opiniões críticas e alertar para riscos nos caminhos escolhidos; mas não podemos torcer, muito menos agir, contra o Brasil.

Eu torcerei especialmente por três jogadores dessa equipe: [Marina Silva](#), uma craque incumbida de fazer uma marcação cerrada contra a destruição do meio ambiente em geral e da Amazônia em particular, [Simone Tebet](#), uma guerreira a quem caberá, entre outras coisas, promover o resgate do Orçamento como instrumento de gestão e a melhora de nossas políticas públicas, e o ministro [Fernando Haddad](#), sobre cujos ombros repousa a responsabilidade maior pela consistência econômica da política governamental.

Vai, Brasil!